ARQUITETURA DO SENTIDO DE VIDA ENVIESADO PELO NEOLIBERALISMO

Ester Silva Cruz

Igor Andrade Lara

Laura Silveira Santiago

RESUMO

Este artigo traça uma reflexão crítica sobre a forma de subjetivação de um sentido de vida enviesado pela política neoliberal como governante da sociedade contemporânea. Propõe-se analisar a arquitetura de vida existencial aos sujeitos em meio à influência da política neoliberal, e, especificamente os impactos na saúde mental destes. Desenvolveu-se este estudo por meio de pesquisa bibliográfica, documental e exploratória segundo método dedutivo. Para a construção deste trabalho, tomaremos como base algumas teorias como: a teoria de governamentalidade em Foucault, o existencialismo Sartriano, os reflexos do ser em relação ao tempo em Heidegger e a ideia do absurdismo em Camus, tal qual conceitos da psicologia existencialista. A partir deste estudo, pode-se compreender a vivência do sofrimento existencial na sociedade capitalista-neoliberal.

PALAVRAS-CHAVE: Neoliberalismo. Existencialismo. Liberdade.

INTRODUÇÃO

> Não podemos falar sobre um corpo sem saber o que sustenta esse corpo, e qual pode ser sua relação com esse apoio – ou falta de apoio. Desse modo, o corpo é menos uma entidade do que um conjunto vivo de relações; o corpo não pode ser dissociado das condições ambientais de infraestrutura da sua vida e da sua ação. Sua ação é sempre uma ação condicionada, que é sentido do caráter histórico do corpo, além disso, humanos e outras criaturas dependem do apoio da infraestrutura, de maneira que isso expõe uma vulnerabilidade específica que temos quando ficamos sem apoio, quando as condições de infraestrutura começam a se decompor, ou quando nos encontramos radicalmente sem apoio em condições de precariedade (BUTLER, 2018, p.72)

A arquitetura de um sentido de vida, de uma construção subjetiva e política – tanto individual quanto coletiva – interligam-se ao convívio entre o *eu* e o *outro*, e numa relação que se dá na construção do se ser o *nós*. Butler (2018) explicita, em trecho citado, a impossibilidade de se falar do corpo, desta construção existencial, ignorando-se o apoio da infraestrutura, ou seja, o conjunto de relações em que este corpo se sustenta.

Olhar para a construção existencial em nível de uma sociedade a qual apoia-se numa infraestrutura capitalista aliada à racionalidade da política neoliberal, implica a crença cartesiana de que mais capital gera mais vida, logo mais liberdade (HAN, 2017). Esta falácia discursiva é disseminada como forma de *governamentalidade* (FOUCAULT, 2022), por meio de relações de poder entre técnicas de si e dos outros, disciplinando a humanidade à regência de um governo plutocrático[1].

A falácia neoliberal pregada por *slogans,* como "*yes, we can*", propõe o incansável ritmo produtivo e ocasiona a vivência a uma insatisfação crônica à vida, "a preocupação por uma vida boa dá lugar à histeria pela sobrevivência" (HAN, 2017, p.107), enfrentada por sujeitos inseridos neste contexto. A transmutação do "trabalhador" – como sujeito de direitos sociais à boa vida – para "empreendedor" – como sujeito-empresa sem direitos, ou melhor, sem apoio de infraestrutura – ocasiona o reducionismo do *nós* ao *eu*, "(...) torne-se um líder de si mesmo, alguém que é o verdadeiro senhor e soberano de sua vida" (SAFATLE, JUNIOR, DUNKER; 2021, p.251). A noção de vida existencial, então, apresenta-se em sofrimento ao se observar uma ruptura da relação entre o corpo e ao apoio da infraestrutura de um *nós* democrático.

A partir da constatação de que há o processo de subjetivação do neoliberalismo na arquitetura do sentido de vida do sujeito *per si*, há a necessidade do ato crítico-reflexivo desta internalização existencial, como objetivo geral deste estudo. Propõe-se, especificamente, analisar os efeitos subjetivo-existenciais gerados a construção do ser, de modo que sejam vistos os efeitos à saúde mental que esta formação governamental causa.

Tais reflexões serão discursadas no presente Trabalho de Conclusão de Curso por meio de pesquisa bibliográfica, documental exploratória – a fim de esclarecer e analisar ideias – segundo método dedutivo. Tal metodologia fundar-se-á em reflexão qualitativa de textos acadêmicos e científicos, a qual buscou "(...) apresentar o 'caminho do pensamento' e a 'prática exercida' na apreensão da realidade, e que se encontram intrinsecamente constituídos pela visão social de mundo veiculada pela teoria da qual o pesquisador se vale" (LIMA e MIOTO, 2007, p.39). Para a construção deste, Michel Foucault, com sua teoria de governamentalidade, o existencialismo Sartriano, os reflexos do ser em relação ao tempo em Heidegger e a ideia do absurdo em Camus, são fundamentais.

---

1 Sistema de governo que é atribuído aos detentores de capital da sociedade – a esta forma de governamento Weber (1996) o denomina de *Plutocracia*.

Nesta pesquisa, a temática será elaborada a fundo em cinco subtítulos. No primeiro haverá a exposição do processo de subjetivação do neoliberalismo como arquitetura do sentido de vida; segue-se tal discussão em como o neoliberalismo se expressa em forma de governo de si e do outro. O próximo subtítulo discute o gerenciamento da soberania de escolha pelo discurso neoliberal, analisando a possibilidade da liberdade. O penúltimo subtítulo visa discorrer a noção de responsabilidade em nível pessoal no contexto neoliberal. Por último, há a reflexão quanto ao sofrimento mental e emocional do ser-existencial-neoliberal.

COMO SE REPRODUZ O SENTIDO DE VIDA NA ERA DO NEOLIBERALISMO?

Ao se pensar nas dificuldades e complexidades presentes em desfibrar a arquitetura de um sentido de vida em uma doutrina socioeconômica neoliberal, precisa-se ponderar o fato de que esta estrutura perpassa a existência humana de forma subjetiva. A ótica do sujeito sobre este fenômeno político-econômico discorre através dos diferentes indivíduos por meio de diferentes lentes. O modo como esta manifestação é experienciada, varia de viés sócio-histórico dos sujeitos ambientados a esta diplomacia, ainda que o modelo seja aplicado sobre uma singularidade e de forma pragmática, esconso à lógica capitalista que "(...) visa não apenas conhecer as expectativas dos consumidores, mas também incutir neles o prazer de consumir, valendo-se de elementos simbólicos, afetivos e subjetivos" (MANSANO e CARVALHO, 2017, p.1064).

Esta congruência da política neoliberal entre incutir um sentido de ser baseado no consumo tende à noção de uma sociedade movida pelo desassossego ao perceber que um sujeito responde avidamente aos mandandes de produtividade. A forma de organização neoliberal implica diretamente sobre os estados de perplexidade motivados pela subjetividade construída pelos traquejos individuais. Esta relação é explicitada por Dartot e Laval (2013), os quais afirmam que o neoliberalismo:

> [...] também produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos. O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da "modernidade". (Dardot e Laval, p. 14)

De certa forma, pode-se distantemente evocar a absurdez proposta por Albert Camus (1997), em paralelo à série de imposições deste estado neoliberal, sobretudo referindo-se às vivências longínquas ao presente antes da tomada de consciência do absurdo vivendo no "(...) 'amanhã', 'mais tarde', 'quando você conseguir uma posição', 'com o tempo vai

entender'" (p.21). Ainda que se delineie um arcabouço que possibilite uma estruturação de sentido que dê sustentação a existência autêntica – e não a má-fé – as imposições sistemáticas neoliberais acerca de alguém, que se faz vazio a si mesmo tendem produzir efeitos que desarranjam o sujeito em seu aparelho psíquico. Lauriti (2009, p. 29) cita o absurdo de Camus como "o confrontamento da irracionalidade do mundo com o desejo de racionalidade que se encontra no homem". Ressalta-se esta lógica de irracionalidade a qual é moldada por uma economia que vende e internaliza insights referentes à necessidade do alinhamento do ser no ideal neoliberal para um funcionamento existencial potencializado. Entendendo que a racionalidade parte de um desejo humano, a arquitetura a ser projetada de modo viável e subjetivo, intencionalmente, deve partir das experiências particulares que esse sujeito estabelece com as suas relações psíquicas e o meio onde as são projetadas.

No conjunto de ensaios apresentados pelo filósofo, naturalista e transcendentalista Henry David Thoreau (1854), propõe-se colateralmente à ideia de precificação maciça das vivências contemporâneas em relação ao desejo. A estruturação das demandas individuais vem sendo pautadas a partir do consumo estabelecido às lesões suscitadas pelas abundantes possibilidades construídas pelo meio de produções capitalistas meritocráticas.

O arranjo arquitetônico da indissociável relação do ser em sociedade, efetua-se na farta predileção (des)harmônica disposta, que se define como as várias possibilidades e as escolhas das abundantes promessas neoliberais dispostas. Este feito impõe a necessidade de porte em relação ao fenômeno que se apresenta categoricamente imerso no sistema de consumo, que dentre infindas ofertas de bem-estar, coage o ser – imbuído no fenômeno – em se portar diante esta lógica. Ao assumir esta postura, a estruturação do ser entra em construção diante a possibilidade de consumir-se – dispõe de um consumo que realmente consome o ser – exacerbadamente em conveniência ao desejo, ou objetar – entender uma relação objetificada com o sujeito – à relação imposta e desta forma se organizar de maniera a se desvelar desta dialética. Entendendo, entretanto, a simetria dessa estruturação com os postulados de Thoreau (1854), Costa (2015) estabelece um apontamento importante:

> Segundo Thoreau, o realmente "ganhar a vida", não terá nada a ver com um resultado materializado em posses materiais ou dinheiro, como frutos reconhecíveis do trabalho, mas com o possuir uma atitude moral superior, característica do ser humano plenamente desenvolvido ou com capacidades que lhe permitam a obtenção e desenvolvimento dos valores, das virtudes. Será o objectivo de Thoreau, neste ensaio, o esclarecer-nos sobre algo aparentemente ignorado: o valor adequado das coisas, em relação à nossa própria natureza de seres humanos, aquilo que os gregos denominavam oikeon, termo etimologicamente ligado à palavra economia e que não

> será outra coisa senão a gestão daquilo que é essencial à vida do dia a dia. (COSTA, p. 91-92)

Esta relação do oikeon ligada àquilo que é essencial à vida será compreendida, no presente artigo em uma extensão filosófica existencial, para tanto, a estruturação desta relação pode ser inferida por meio da ética e a moral. Coitinho (2021, p. 342) aponta que uma concepção cética afirma que não se pode saber o que é certo e errado, bom ou mau ou o que é justo e injusto, assim, fica remanente o indivíduo e sua relação com seu logos. Para um entendimento ético e moral, Coitinho (2021) propõe a importância de um conjunto de virtudes interconectadas, que devem ser consideradas de forma holística, ou seja, como um todo integrado. Coloca que o objetivo deste processo reflexivo – no contexto da presente dissertação analisar os mecanismos subjacentes à configuração da subjetividade no âmbito do paradigma neoliberal – é chegar a crenças que possam ser justificadas racionalmente e eticamente perante a comunidade moral:

> (...) minha interpretação se vale do conhecimento moral a partir de um modelo da ética das virtudes, e isso porque se pode contar com o caráter humano virtuoso como parâmetro normativo, bem como com uma ideia reguladora de florescimento humano. Para tal, será importante compreender o conhecimento moral como um processo social, isto é, intersubjetivo, que precisará contar com um conjunto de virtudes interconectadas de forma holística e com um processo reflexivo de investigação feito pelo agente com responsabilidade epistêmica para chegar a uma crença apta, isto é, uma crença. (COITINHO, p. 361-362)

Esta responsabilidade advinda do conhecimento moral como um processo social é vista em Aquino e Cruz (2020), os quais compreendem a partir dos ensaios de Frankl (1995), que a responsabilidade e liberdade podem ser vistas como norteadores da busca pelo sentido e reforça que "(...) os sentidos são objetos de experiência do indivíduo e se concretizam por meio da ação ou de uma postura interior" (p.366). Este pensamento pode ser enriquecido por meio da incorporação de elementos adicionais compostos por Frankl (1995) ao relatar que "na realidade, contudo, o homem não é empurrado pelos instintos, mas sim arrastado pelo que tem valor" (p. 107). Portanto, a partir destes fragmentos, é postulado que o ser humano não é primariamente impulsionado por instintos, mas sim orientado pelo que possui valor intrínseco. O neoliberalismo, enquanto paradigma sociopolítico tende a enfatizar a maximização do ganho econômico individual, a competição e a primazia do mercado. Neste contexto, emergem-se as provocações do que é existencial, instando-se a refletir sobre a verdadeira substância e significado da vida. Mostra-se então a possibilidade de despertar o sentido de vida próprio e autêntico mesmo com o influxo neoliberal.

COMO O NEOLIBERALISMO SE EXPRESSA EM FORMA DE GOVERNO DE SI E DO OUTRO.

O método neoliberal faz-se presente na "(...) criação de situações de mercado e produção do sujeito empresarial (DARDOT e LAVAL 2013, pag 134)". À vista disto, o neoliberalismo, visto em Foucault (2022) como arte de governo de si e do outro, faz-se presente na subjetivação de um sujeito *homo oeconomicus*.

> (...) a governamentalidade neoliberal pode ser definida como a arte de conduzir as condutas por intermédio da gestação, administração e aplicação de crises. No mundo economicamente codependente das políticas neoliberais, as crises funcionam como doença autoimune. E sua eficácia está no fato de se fazer crer que a crise poderia ser pior sem o neoliberalismo, ou melhor, que não há alternativa ao neoliberalismo.
>
> Proteger a vida, a propriedade, a liberdade e a competição são os mantras benevolentes do neoliberalismo, porém, sob a ocultação do preço que a vida tem de pagar para tanto. Inverter a lógica entre benefícios e beneficiários é importante, justamente para se fazer acreditar que a crise engendra as condições as mais propícias para se fazer de si mesmo um autoempreendedor. (FILORDI, 2023, p. 4)

Sendo assim, esta inversão entre benefícios e beneficiários proporcionada pela gestão de crises neoliberais, possibilita a subjetivação de um ser autoempreendedor, responsável por si, e "(...) toda situação que não corresponde às condições da concorrência pura e perfeita é considerada uma anomalia que impossibilita a realização da harmonia preconcebida entre os agentes econômicos (DARDOT e LAVAL 2013, pag 135)". O sujeito ao despertar disparidade de seu sentido de vida autêntico com essa lógica, vai de embate ao social embebido do sistema e às regulações impostas pelo regime, se tornando insociável a dissipação do sujeito desse meio.

A estruturação neoliberal, por além de um composto de práticas oriundas da produtividade, se faz geradora de uma cultura a qual os métodos e meios precisam estar em constante corrimento produtivo. O fluxo tende a um remate aos seus antagonistas. Ao pensar em um sistema que rege a fluidez, os divergentes a essa estruturação não se dispõem como edificadores da funcionalidade vigente. Logo, as disfuncionalidades relacionadas ao capital, às sequelas são cabidas também aos que estimam adaptados a este ecossistema. Vê-se que os eventos que geram inconsistência, salientam as possibilidades de intervenção nos devires subjetivos e coletivos do ser existencial. "Ora, quando Guattari (2009) afirmou que tudo vem da crise, salientava a transversalidade do seu caráter. Não há crise econômica que não aporte, por exemplo, impacto na vida psíquica, afetiva, emocional, sexual e nos vínculos humanos." (FILORDI, 2023, p. 5).

Vê-se, então, a política neoliberal para além do seu princípio econômico, como também uma ideologia que molda crises, políticas públicas e práticas sociais. O destrinchar desse campo proporciona recursos intelectuais para uma análise crítica social e existencial. Essa afirmativa é reforçada por Guimarães e Cruz:

> Só nos anos mais recentes o conceito de neoliberalismo ganhou enfoques mais politizados, abordando o sentido filosófico singular de sua teoria, suas relações com as teorias democráticas, suas implicações para a cultura e a sociabilidade democráticas e para os modos institucionais de regulação do Estado. O conceito de neoliberalismo deve ser compreendido, ainda, no espectro plural das linguagens liberais e em posição normativa adversária aos seus paradigmas e vocabulários dominantes. (GUIMARÃES e CRUZ, 2021, p. 5)

Percebe-se através de tais fragmentos, que o campo da subjetividade tem grande efeito na manutenção de quaisquer políticas, até mesmo pela formação política estar diretamente associado a ela. Pode ser atrelada a adoção social sistemática, "(…) em grande parte, ao processo de subjetivação empregado, isto é, a produção de indivíduos sujeitos à lógica de mercado (ROSA, 2019, p. 155)". Se a lógica mercadológica é utilizada como parâmetro para esse indivíduo, podemos associar às escolhas com base nos impactos que terá sua carreira profissional, o tempo que dedica às relações sociais a cooperação, sustentabilidade, justiça social entre outros âmbitos que culminarão em sua arquitetura. "Esse novo sujeito, a partir de seus interesses, pesaria suas escolhas em consonância com a economia (ROSA, 2019, p. 156)".

Os contextos produtivos passam a ser inseridos de forma sutil no cotidiano individual. Vão incorporando ao meio, as temáticas referidas a métodos individuais de produção, faz-se então cotidianamente a busca do que tem valor e excelências nas relações, onde pode-se definir o que é melhor, o que se deve aproximar ou afastar a partir do interesse atrelado. Movimentos que podem trazer a ideia de compartilhamento de conhecimento, motivação, foco e desenvolvimento social, podem também tendenciar à superficialidade, pressão social ou perda da autenticidade.

> "As pessoas passam a falar sobre assuntos corriqueiros e da própria vida usando palavras como produtividade, performance, inovação, exponencial, resultado, investimento, networking, mindfulness, mindset, background, coaching, entre outras. (ROSA, 2019, p. 156)".

Toda esta malha governamental subjetivada na forma de ser do indivíduo no mundo e em sua forma relacional com este propõe uma fuga à autenticidade, o que gera a uma vida de má-fé. Tal termo visto na filosofia sartriana, remete a uma forma de ser que "(…) não se limita a negar qualidades que possuo a não ver o ser que sou: tenta também me constituir como sendo o que não sou" (SARTRE, 2015, p. 118).

COMO SE MOSTRA A "LIBERDADE DE ESCOLHA E A LIBERDADE DO INDIVÍDUO" NO CONTEXTO NEOLIBERAL

O sujeito é submetido a uma triagem natural no sistema neoliberal. Em Filho e Lima (2022, pag.3) observa-se a inserção em novos mercados de trabalho restrita a cidadãos com acesso à internet, que dispõe funcionalidades de comunicação e transações bancárias por aplicativos. Pode-se entender uma série de impactos dicotômicos e diretos produzidos por fenômenos desse tipo. A flexibilidade na comunicação, o acesso à recursos e informações eficientes e ágeis, porém, em detrimento dos ganhos, percebemos certa exclusão geracional, invasão privativa e de limites ou até mesmo aumento de ansiedade e estresse. Um vivente perpassado por essas tecnologias é colocado também em uma posição de escolha, onde deverá julgar se é interessante ou não aderir aos avanços neoliberais. Escolher impacta a forma de se organizar e estruturar-se. O embate de ser liberto pela optação em não participar dessa adesão, pode o colocar fora do mercado. A problemática é a necessidade do capital em detrimento do seu mantenimento. Sendo assim, as escolhas, de certa, forma podem se estreitar entre a adequação e a vulnerabilidade. Perceber a escassez de recursos alinhados a esse modelo cruza a existência e a percepção de liberdade, significando o simbólico carregado pelo sistema vigente, quem possui mais recurso tem mais poder. O sujeito que escolhe estar fora dessas questões precisa se alinhar com mais recursos a fim de equalizar as relações de poder.

Ferreirinha e Raitz (2010, pag 382) delimita o poder sendo "ações sobre ações" implicando as práticas contidas em uma sociedade como relativas, conforme a escalabilidade de poder compreendido de certos grupos sobre outros. A partir dessa análise, de forma análoga a nossa realidade, entendemos as diferentes formas de poder contidas em uma sociedade escalada de forma não linear. O poder dispõe de uma aproximação quanto a quantidade de liberdade propensa a um indivíduo, uma vez que pela simples conjuntura laboral, o capital (apresentado em forma de poder) é ofertado como moeda de troca para satisfação de desejos imanentes de um indivíduo ou grupo. Logo a camada social disposta de mais poder ou capital, consequentemente comprará a liberdade de terceiros a fim de sua satisfação pessoal; entendendo a liberdade como condição imperativa de bem-estar, a partir dessa premissa podemos considerar uma liberdade inserida em uma lógica mercadológica.

> Os regimes de concorrência definem novos modelos de subjetividade, que são impulsionados pela falta de empregos, a precariedade e o endividamento. Dessas condições proliferam pessoas que seguem uma ética exclusivamente empresarial em suas vidas: suas decisões levam em conta a empregabilidade, consideram o sucesso profissional, a faixa salarial, os riscos de desemprego e outros elementos alinhados ao valor econômico. (ROSA, 2019, p. 156)

Rosa (2019) destaca a imperativa necessidade de uma análise crítica mais profunda da atual realidade, caracterizada por um clima de angústia e esterilidade. O cerne desse estado é atribuído à presença pervasiva do neoliberalismo, identificado como um agente determinante na configuração da vida contemporânea. A partir do reconhecimento deste ponto de partida, observa-se que os indivíduos adotam distintas posturas, independentemente de sua afinidade ou discordância com os princípios subjacentes ao neoliberalismo. Neste contexto, emerge uma dinâmica na qual os indivíduos se esforçam para se adaptar às circunstâncias ou procuram ativamente recursos para enfrentar de modo mais eficaz as exigências impostas pelo regime neoliberal. É salientado que essa dinâmica pode exercer uma influência substancial na determinação do significado e propósito de vida do sujeito no momento presente. Neste contexto, faz-se uma alusão à conceituação do surgimento da economia, que pode requerer uma exploração mais aprofundada e precisa.

> Essa nova ciência, apesar de ser focada na população, partiria da produção do sujeito de interesses. Desse modo, o governo dos homens não se daria pela força ou submissão e sim pela produção de modos de vida, pela garantia de meios necessários à satisfação dos interesses pessoais, pelos dispositivos normatizadores empregados para guiar os comportamentos individuais em conformidade com a mentalidade populacional. (ROSA, 2019, p. 159)

Na visão de liberdade compreendida em subordinação ao capital onde dispor de maiores quantias de recursos implica acumulação maior de poder e, consequentemente, disposição maior de liberdade faz-se um ciclo contínuo de compra e venda de liberdade, uma vez que essa se dá em uma relação de oferta e demanda. A partir desse movimento, a noção de liberdade se torna vulnerabilizada em diferentes níveis de poder, uma vez que a subsistência do sujeito depende da venda de sua liberdade (sendo expressa como o tempo vendido em longas jornadas de trabalho) ou quando não se expressa em forma de subsistência, a liberdade é anunciada em forma de libertação, onde o sujeito será livre na medida em que se acumulam recursos para transacionar, visando acúmulo e conservação da liberdade já adquirida. Peters (1998, pag. 352) reforça essa máxima afirmando que “o mercado é a principal instituição econômica e social, por meio da qual os indivíduos ajustam suas preferências de acordo com os sinais dos preços, a despeito das restrições nas informações disponíveis”.

A RESPONSABILIDADE INCUMBIDA AO PESSOAL NO CONTEXTO NEOLIBERAL

Percebe-se as manutenções cíclicas nos regimes neoliberais que o mantêm como orientação econômica na maior parte do globo terrestre, apesar ainda, da divisão ideológica

inerente às ideias humanas. No sistema que se conserva é possível perceber alguns compostos metodológicos que confundem o sujeito sobre a definição de estar ou não se movendo de forma autêntica, uma vez que para além de sua definição existencial, ele também precisa se estruturar de forma pragmática em relação à evolução temporal de sua era. Sendo assim, se permite entrar em um embate buscando a tendência em se portar conforme sua formação subjetiva projetada ao longo de seu desenvolvimento e, em contrapartida, uma necessidade de desempenhar as demandas contemporâneas. Os sujeitos, perpassados pela angústia das solicitações que mantém o sistema, podem se firmar no compromisso de se adequar e obter recursos – se fazendo empreendedores de si – onde as qualidades empreendedoras pessoais sejam importantes para o sucesso. Diante a lógica que mantém o sistema, ela não pode ser suficiente por si só. O campo do desejo, que dita o que é importante e o sentido que o indivíduo quer seguir, está intrinsecamente ligado ao ecossistema em que ocorre, e esse ambiente pode ter um impacto significativo no sucesso ou fracasso das atividades empreendedoras. Se estruturar pelo campo da autenticidade, pode se tornar um problema. Amorim, Moda e Mevis expõe esse pensamento paralelo à definição de empreendedorismo:

> A atual versão do empreendedorismo parece indicar uma maior conquista de liberdade pelo indivíduo sobre sua ação, suas escolhas e seu futuro. O sucesso dessas escolhas estaria atrelado às características empreendedoras das quais o indivíduo é dotado, como a proatividade, a criatividade e a ousadia. Entretantos tais características devem, do nosso ponto de vista, ser contrapostas às condições sociais e de mercado desde as quais são possíveis suas efetivações. Trata-se, portanto, de confrontar as supostas qualidades empreendedoras ante as condições e relações sociais que se estruturam conjunturalmente no modo de produção capitalista, isto é, nas quais se processam e se materializam historicamente o empreendedorismo. (AMORIM MODA e MEV**IS, 2021, pag 3)

Ao buscar apoio em tal definição, podemos traçar um paralelo sobre a subjetividade e o modo de se arquitetar do empreendedor. Esse agente econômico individual, pauta suas escolhas baseadas na lucratividade e redução de perdas em relação à sua realidade. A partir do momento que há o convite a gerir as vivências, equiparando às condições sociais e mercadológicas, começa-se o movimento a uma análise de custo-benefício. Neste ponto, o que faz sentido e o que se quer realizar, passa por uma triagem entre o desejo e lucratividade – que moldam as escolhas individuais diante diversos cenários – e vão se basear nos frutos que pode colher e nos recursos dispostos. Subsiste nessa relação uma fusão entre recursos e frutos materiais e subjetivos no sentido que para além do que eu escolho, eu preciso me estruturar no social e atrelar o sucesso socioeconômico em detrimento do desejo.

No trabalho de Amorim, Moda e Mevis (2021), a concepção de Weber (2004) a respeito do indivíduo empreendedor é reformulada da seguinte maneira: o empreendedor

individual se origina da singularidade histórica do sistema capitalista, representando o resultado de uma afinidade eletiva entre a ética protestante e o ethos do capitalismo. Essa junção, conforme postulada, teria viabilizado a consagração social do lucro por sua própria busca, orientada por ações racionais relacionadas a objetivos. A perspectiva de Weber (2004) atribui um papel de crucial importância ao empreendedor no desafio ao tradicionalismo predominante no contexto pré-capitalista, estabelecendo-o como um agente central na promoção da valorização do ganho financeiro e, por conseguinte, na disseminação generalizada do sistema capitalista. Percebem-se, então, os reflexos das escolhas empreendedoras, de certa forma como um reflexo quem vem em contrapartida com o niilismo, onde o homem em seu contexto realista se torna, ou, pelo menos, tem a ilusão, de protagonismo, uma vez que se desprende dos "encantamentos do mundo", onde os aspectos mágicos, místicos e irracionais da vida são reduzidos em favor da lógica e da razão. A vontade de tornar-se central, ou até mesmo a busca por sentido, traz as vivências empreendedoras como recurso.

Grun (1998) traz uma releitura dos ensaios das concepções gerais de sociedade, apontando a migração de um modelo hierárquico, onde havia definições claras de posições dentro de organizações, para uma visão mais individualista, na qual o empreendedorismo é valorizado e os resultados individuais são considerados mais importantes. A partir desse apontamento, percebemos a inserção de uma ideia de valorização do indivíduo – com ênfase em sua responsabilidade – "onde o empreendedor merece todas as recompensas, onde *quem não se arrisca, não petisca* e onde o próprio conceito de organização é cognitivamente complicado". Essa dinâmica reestrutura os modos de organizações psíquicos, uma vez que a partir do momento que o indivíduo não assume uma posição autônoma em relação a sua carreira, é possível que ele se sinta deslocado em relação à lógica colocada nesse modelo, o que pode levar a uma movimentação de realocação do desejo coletivo, em detrimento de sua própria autenticidade para busca de resultados esperados. A tomada de consciência pode se fazer no entendimento da movimentação que o sujeito escolhe; ela está apoiada no que acredita ser melhor para sua estrutura e proporciona condições reforçadoras de seus valores, ou isso lesa os diretamente o campo subjetivo do sujeito?

Essa movimentação implica um rápido dinamismo pautado em alterações organizacionais que oferecem instabilidades e incertezas dentro do cenário mercadológico. Busca-se então "[…] opção de "lucro máximo no curto prazo" em detrimento do "crescimento a todo custo" que seria a estratégia típica dos diretores profissionais ávidos de mais poder" (GRUN, 1998, p. 147). Ainda que esses fundamentos estivessem apoiado há décadas passadas,

percebemos o impacto contemporâneo sobre a vigilância desdobrada em "(...) figuras de autoridade formalmente legitimadas, destacadas para vigiar e reprimir" (FILHO e LIMA, 2022, p. 7). O efeito repressor entra em detrimento com a liberdade ao pensarmos que nessa mudança organizacional a contenção não se faz apenas socialmente, mas muita das vezes é regida pelo próprio indivíduo, o que implica a sensação de liberdade uma vez que o monitoramento está sendo feito pelo *self*, que sem uma tomada de consciência pode ser regido por uma estrutura externa.

No âmbito da autogestão, o indivíduo manifesta uma percepção aguçada sobre sua responsabilidade em modelar sua própria conduta, uma vez que determinados padrões comportamentais podem influenciar substancialmente seu êxito no cenário mercadológico contemporâneo. A predisposição à extroversão, por exemplo, associada à capacidade de ampliar sua rede de conexões, pode abrir portas para um incremento nas oportunidades colaborativas, além de estabelecer proximidade com fontes de informação estratégica, gerando, assim, a aquisição de habilidades sociais altamente valorizadas em contextos de economia neoliberal, essenciais para o avanço profissional e empresarial. Paralelamente, o mercado atribui significativo apreço àqueles que demonstram habilidades de liderança e influência, dadas suas tendências para inspirar e influenciar outros, enquanto, simultaneamente, busca indivíduos caracterizados por uma marcante adaptabilidade. Diante desse cenário, emerge o questionamento intrínseco de se o comportamento autêntico do sujeito se coaduna verdadeiramente de modo funcional e assertivo em relação a aqueles que possuem características que dispõe de mais recursos visados pela lógica mercadológica, instigando a exploração de ajustes e adaptações comportamentais como uma estratégia para otimizar as perspectivas de sucesso e progresso na esfera profissional. Oliveira elucida a fundamentação subjacente ao contexto delineado:

> As situações de mercado são impostas aos indivíduos tais como se fossem uma realidade diante da qual não se pode fazer nada a não ser adaptar-se. Negar-se a participar da competição — considerada a fonte de todos os benefícios — seria não apenas um ato irracional, pueril, mas, também, imoral. Por outro lado, a adesão à causa neoliberal significaria uma demonstração de maturidade por um indivíduo sabedor das próprias obrigações. (OLIVEIRA, 2022, pag 367.)

A SAÚDE MENTAL E EMOCIONAL DO SUJEITO NEOLIBERAL

> (…) é mais do que notória e saliente a tensão entre a saúde compreendida como direito e bem coletivo (ou público) e a saúde como bem individual e econômico, dado o rápido avanço das formas mercantilizadas sobre a provisão e o financiamento das ações e serviços de saúde em escala global. Sobre a provisão dos serviços de saúde, cada vez mais operados por empresas com ramificações em vários setores econômicos, internacionalizadas e dependentes do circuito financeiro; e sobre o

> financiamento, frente ao incremento da responsabilização individual pelo acesso aos serviços e ações de saúde, o que transforma essa tensão em antagonismo e ameaça (Viana e Silva, 2018, p. 2108)

O discurso individualista, de responsabilidades, autonomia e liberdade, pode se estender mais além do campo subjetivo, uma vez que o acesso à saúde – mental – perpassa o neoliberalismo como mais um ônus se atentar. Por um lado, faz-se necessário o indivíduo arquitetar-se em relação às suas demandas, inclusive em relação ao seu bem-estar, por outro, vê se a impossibilidade de acesso a tratamentos de qualidade. Instala-se a questão no regime neoliberal, portanto, da responsabilidade do indivíduo em se programar a fim de sua conservação. Percebe-se então as diferentes formas de vivências dispostas a indivíduos subordinados a políticas públicas e os que se privilegiam de diretrizes privadas. Examinar como se deu esse processo nos norteia a duas questões como aponta Viana e Silva (2018):

> i) as ideias e as políticas neoliberais, na forma de políticas econômicas específicas (receituário da política econômica neoliberal voltada para exaltação do mercado e suas formas de concorrência) e de uma nova racionalidade, não mais de cooperação, mas sim de competição e individualismo; e ii) a financeirização da riqueza, que impõe profunda imbricação dos complexos corporativos e/ou econômicos da área social (habitação, saúde, infraestrutura, educação, previdência social, etc.) com o sistema financeiro nacional e global, subordinando as decisões de investimento aos imperativos de valorização financeira dos ativos nos diferentes mercados. (VIANA e SILVA, p. 2108)

A competição, a preço da desigualdade, proporciona maior crescimento de soluções diferentes demandas no âmbito da prosperidade ligado a saúde. A desigualdade, paradoxalmente, reproduz a insalubridade tanto em sujeitos em vulnerabilidade, quanto em sujeitos que fornecem serviços de saúde mental – com a desumanização dos serviços. O sujeito que oferta o serviço é violado pela lógica empreendedora competitiva, onde a sua liberdade estará vinculada ao sucesso laboral – individual – de suas atividades. Quem paga pelos serviços pode se culpabilizar por ter menos recursos para cuidar de sua saúde mental.

A consecução de progressos tecnológicos e a melhoria da qualidade de vida apresentam uma contrapartida substancial no contexto de um fenômeno de consumo que propende a incitar um indivíduo a manifestar determinadas disfunções psicológicas. Silva (2020) coloca que "(...) o sistema do capital que gera indivíduos que em ciclo buscam, de maneira equivocada, aquilo que não sabem como obter, mas a busca os coloca em movimento, respondendo de maneira adoecida." Percebe-se a partir desse movimento, uma inclinação intrínseca para fomentar uma abordagem racional e eficaz no âmbito da tomada de decisões de natureza econômica, orientada pela maximização de ganhos financeiros. Tal propensão pode culminar na racionalização de diversos domínios da existência, nos quais as escolhas são

deliberadas segundo critérios econômicos, frequentemente desconsiderando as dimensões subjetivas, tais como valores individuais, bem-estar emocional e a qualidade de vida." A busca então, se afasta de uma arquitetura própria -dentro do sistema de crenças e valores, cultural, subjetiva – para "(...) um processo de construção de humano ideal, que produza num ciclo sem fim, de forma a construir uma sociedade produtiva" (SILVA, 2020, p. 247). Uma sociedade que ocasionalmente associa o seu progresso exclusivamente à sua capacidade de avanço tecnológico, em detrimento da consideração de aspectos que dizem respeito à sua essência humana.

Platão (2001), no contexto de sua exposição do "Mito da Caverna", sustentava a concepção de que cada ser humano era limitado a perceber apenas aquilo que correspondia à sua própria reflexão, de modo que tanto o indivíduo quanto a sua imagem se configurava como manifestações reflexas interconexas, moldadas pelas normas e propósitos que a sociedade atribuía. Wouters, Locateli, Santos e Carlesso dizia sobre:

> (…) uma sociedade profundamente ligada às novas mídias e ao consumismo como modelo de vida. Mergulhados em novas tecnologias e absortos em milhares de informações, nos tornamos simulacros de humanos em redes sociais, numa constante tentativa de mostrarmos aos outros o que gostaríamos que os outros pensassem que fôssemos, o ethos, mas não necessariamente o que somos, presos que estamos, ainda, em nossas modernas cavernas. (Wouters, Locateli, Santos e Carlesso, 2019, p. 7)

Ao assumir esta sociedade, é pertinente destacar que a reflexão acerca da realidade apresentada se encontrará deslocada, o que, por conseguinte, pode induzir a uma tendência de associação das condições de bem-estar a ideias coletivas que não necessariamente refletem nossas próprias questões, aproximando, assim, de uma eventual escassez de recursos voltados para a preservação da saúde mental. Almejando respaldo adicional para as exposições inspiradas nas obras de Platão, podemos inferir que uma abordagem que pode ser considerada mais eficaz consiste em realizar uma análise crítica da conformidade, mediante a qual se destaca a necessidade de se conscientizar sobre os riscos inerentes à adesão acrítica e à adesão irrestrita a normas e padrões socialmente estabelecidos, bem como enfatizar a relevância de não adotar crenças e ideias sem exercer a devida capacidade de questionamento e avaliação crítica.

Vieira (2020, pag. 19) argumenta que a abordagem terapêutica está em desacordo com a tendência pós-moderna predominante, que valoriza a otimização do tempo e a ênfase na performance, ao propor que o indivíduo necessita de um espaço para se estabelecer e buscar recursos em seu próprio ritmo, o que muitas vezes não é respeitado. Vieira (2020, pag. 18) ainda destaca que a corrente liberal coloca a responsabilidade de lidar com questões éticas nas mãos

do próprio indivíduo. Nesse contexto, o utilitarismo assume um papel proeminente, com a missão de apresentar argumentos persuasivos para sustentar a existência de uma harmonia possível. Essa dinâmica pode gerar um conflito interno no indivíduo, onde o conceito de ética se choca com os benefícios proporcionados pelo regime neoliberal, levando a uma associação da felicidade com o que é considerado útil.

> Se o empreendedorismo, por um lado, em suas variadas manifestações teóricas e sociais, procura naturalizar o modo de vida dominante como universal, mistificando as contradições ideológicas, culturais, econômicas e políticas, com a recusa do conceito de classes sociais, corre-se o mesmo risco. Realiza-se um diagnóstico, prescreve-se um remédio, o corpo social se levanta outra vez, mas o problema estrutural permanece, ou seja, a correção dos problemas sociais contingentes, por mais necessária que seja, nos leva apenas a uma nova conjuntura, estruturada por um novo modo de vida, mais uma vez eficaz e eficiente à reprodução dos interesses de classe dominantes. (AMORIM MODA e MEVIS 2021 p. 13.)

Persiste uma problemática estrutural que se encontra velada sob a máscara da aceitação inconsciente do capitalismo – para o indivíduo – como sistema regulador. Essa problemática social, em sua natureza, acarretará consequências substanciais na integridade psicológica do indivíduo, seja devido à impossibilidade de expressá-la publicamente, dada a profunda penetração desse paradigma na sociedade, seja em virtude da consideração inconsciente desse sistema como inerentemente natural, inclusive por parte daqueles desprovidos de meios para torná-la consciente da dimensão problemática subjacente. A ausência de conscientização desse problema exerce uma influência significativa sobre o curso das escolhas e trajetória de vida do indivíduo afetado, tornando-o incapaz de se desvencilhar das premissas do sistema de governo predominante. A aparente naturalidade que permeia o processo de adoecimento e as barreiras estruturais subjacentes posiciona esse sujeito de maneira a suprimir sua singularidade e obscurecer os recursos inerentes ao seu desenvolvimento pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível constatar uma arquitetura e lógica própria, que pode ser instituída pela governamentalidade (FOUCAULT, 2022), que influencia o subjetivo do indivíduo em um contexto neoliberal. Esta prática, por si só, tem o potencial de moldar a orientação do sujeito em relação aos seus objetivos ou aspirações. Torna-se, assim, desafiador separar o desejo e a existência do sujeito tanto dentro quanto fora do âmbito neoliberal. Ao perceber as inconsistências ou a lógica subjacente a esse sistema, o sujeito pode optar por esquivar-se ou adaptar-se nos meandros da estrutura estabelecida, a fim de lidar com a carga

subjetiva imposta por esse contexto. Observa-se, então, por uma perspectiva distante, a manifestação da estética do absurdo, conforme delineada nos estudos de Lauriti (2009), emergindo como uma questão existencial na qual o sujeito se encontra distante de compreender o que é funcional e o que faz sentido existencialmente para ele.

Ao abordar e analisar essas questões delineia-se um campo de investigação que se revela propício para profissionais engajados na compreensão do sujeito. Nesse contexto, a exploração do indivíduo se revela como uma oportunidade para aprofundar o entendimento de como ele estrutura suas ideias e como o ambiente em que está inserido exerce influência nesse processo. Para além das esferas profissional e acadêmica, o leitor é conduzido a considerar o impacto social experimentado pelo sujeito e seu objeto de estudo, desvelando problemáticas relacionadas às implicações políticas, às desigualdades sociais e aos efeitos psicossociais decorrentes da interação entre o indivíduo e seu meio.

Observa-se, igualmente, que a exposição dos conteúdos relacionados aos propósitos e à configuração subjetiva do indivíduo em um contexto neoliberal revela-se uma tarefa complexa e imprecisa, considerando a variabilidade na forma como cada pessoa atravessa e estrutura esse sistema. Ademais, é imperativo destacar que delineamos um modus operandi governamental em contextos temporais específicos e contemporâneos, cuja concepção é forjada a partir dos eventos vivenciados desde sua implementação até o momento presente. Neste sentido, é plausível admitir a existência de questões ainda não exploradas, as quais poderiam ser cruciais para uma compreensão mais precisa e abrangente do tema. Certos aspectos do fenômeno em questão ou variáveis abordadas direcionaram nossas análises para determinadas abordagens e conclusões. Deste modo, fica estabelecido que a pesquisa em apreço possa ser decomposta e examinada por meio de diversas perspectivas, distintas experiências vivenciais e com o suporte de uma ampla gama de literaturas especializadas.

REFERÊNCIAS

AMORIM, H.; MODA, F.; MEVIS, C. **EMPREENDEDORISMO: uma forma de americanismo contemporâneo?**. Caderno CRH, [S. l.], v. 34, p. e021018, 2021.

AQUINO, Thiago Antonio Avellar; CRUZ, Josilene Silva da. **A questão da transcendência dos valores e do sentido da vida na análise existencial de Viktor Frankl**., v. 34, n. 2, p. 351-367, set. 2020.

BLANCHFLOWER, D. G. et al. **The effects of macroeconomic shocks on well-being**. Manuscript, University of Stirling, 2013.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMUS, A. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CAMUS, A. **O mito de Sísifo.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

COITINHO, Denis. **Conhecimento moral e virtudes epistêmicas**. Kriterion: Revista de Filosofia, v. 62, n. 149, p. 341–364, 2021.

COSTA, JAIME BECERRA. **A vida sem princípios, de Henry David Thoreau**. Agora: papeles de Filosofía, v. 34, n. 2, 2015.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 402 p, 2016.

FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, T. R**.. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas**. Revista de Administração Pública, v. 44, n. 2, p. 367–383, mar. 2010.

FILORDI, A. **Neoliberalismo y gubernamentalidad de crisis en el posfascismo: qué puede hacer la educación?**. Praxis & Saber. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no collège de France (1978-1979). 2.ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2022.

FRANKL, V. E**. Logoterapia e análise existencial**. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

GRÜN, Roberto. **A classe média no mundo do neoliberalismo**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(1): 143-163, maio 1998.

GUATTARI, F. (2009). Les années d'hiver - 1980-1985. Les Prairies Ordinaires.

GUIMARÃES, J.; ROCHA; CRUZ. **Neoliberalismo e Ciência Política: contribuições teóricas sobre a crise da democracia**. Revista Sociedade e Cultura, v. 24, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LAURITI, Thiago. **A estética do absurdo em "O Estrangeiro" de Albert Camus**. Revista Saber acadêmico – revista multidisciplinar da UNIESP, v. 8, p. 27-34, 2009.

LIMA, T. C. S. DE.; MIOTO, R. C. T.. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Revista Katálysis, v. 10, n. spe, p. 37–45, 2007.

MANSANO, Sonia Regina Vargas; CARVALHO, Paulo Roberto de. **A Colonização dos Corpos e dos Afetos pelo Capitalismo: um debate necessário**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 1062-1080, 30 set. 2022.

OLIVEIRA, C. DA S.. **Neoliberalismo, sofrimento e indiferença**. Revista Katálysis, v. 25, n. 2, p. 365–373, maio 2022.

OLIVEIRA FILHO, Davi Emanuel de ; LIMA, Alexandre Bonetti. **A "Profecia Cyberpunk": da Tecnomodernidade Distópica ao Humano-Máquina do Século XXI**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 42, p. e241107, 2022.

PLATÃO, **República.** Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 2001.

ROSA, Rafael Rocha da. **Neoliberalismo, desdemocratização, subjetividade**. Argumentos: Revista de Filosofia. Fortaleza, ano 11, n. 21, p. 154-165, jan.-jun. 2019.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. 1. Ed.; 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 24. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SILVA, Ricardo Marinho. **Ensaio sobre o livro "Admirável Mundo Novo" de Aldous Huxley: uma proposta crítica contemporânea**. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 245-251, 18 jun. 2020.

THOREAU, H. D. **Walden or a life in the woods**. Boston: Ticknor and Fields, 1854.

VIANA, Ana Luiza D'ávila; SILVA, Hudson Pacifico da. **Meritocracia neoliberal e capitalismo financeiro: implicações para a proteção social e a saúde**. Ciência & Saúde Coletiva, [S.L.], v. 23, n. 7, p. 2107-2118, jul 2018.

VIEIRA, Fabiano de Mello. **O sujeito e o neoliberalismo: uma questão de Economia**. Analytica, São João del Rei , v. 9, n. 17, p. 1-22, dez. 2020.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Ciência e Política, Duas Vocações**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

WOUTERS, Janete Allassia Drebes; LOCATELI, Jose Henrique Pires; SANTOS, Eliane Aparecida Galvão dos; CARLESSO, Janaína Pereira Pretto. **A Caverna, de José Saramago: o impacto da globalização no mundo do trabalho e na educação**. Research, Society And Development, [S.L.], v. 8, n. 1, e2981596, 2019.